

A portrait of Paul Hazard, a man with a mustache, wearing a suit and tie, is the background of the cover. The image is tinted with a blue-to-red gradient.

Paul
HAZARD

*A Crise da Consciência
Europeia: 1680-1715*

PAUL HAZARD (1878-1944) foi professor, historiador e ensaísta. Realizou o doutoramento na Sorbonne, com uma tese sobre a influência da Revolução Francesa na literatura italiana. Ensinou Literatura Comparada na Universidade de Lyon e na Sorbonne, e tornou-se catedrático da disciplina de História das Literaturas Comparadas da Europa Meridional e da América Latina, no Collège de France, em Paris. Foi professor visitante da Universidade de Columbia, em Nova Iorque. A Academia Francesa elegeu-o como membro em 1940, mas nunca tomou posse devido à Ocupação Alemã. Entre as suas obras maiores estão *A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715* (1935) e *O Pensamento Europeu no Século XVIII: de Montesquieu a Lessing*, publicado postumamente em 1946.

ÓSCAR LOPES (1917-2013) foi professor, linguista e crítico literário. Licenciou-se em Filologia Clássica pela Universidade de Lisboa e em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra. Foi professor catedrático de Linguística na Universidade do Porto. Entre as suas publicações, destacam-se a *Gramática Simbólica do Português* (1971) e, com António José Saraiva, a *História da Literatura Portuguesa* (1955).

PAUL HAZARD

A Crise da Consciência Europeia

1680-1715

TRADUÇÃO
Óscar Lopes



PREFÁCIO

QUE CONTRASTE! Que evolução tão brusca! A hierarquia, a disciplina, a ordem garantida pela autoridade; os dogmas que regulam a vida com firmeza: eis o que os homens do século XVII amavam. Sujeições, autoridade, dogmas: eis o que detestam os homens do século XVIII, seus sucessores imediatos. Os primeiros são cristãos, e os outros anticristãos; os primeiros crêem no direito divino, e os outros no direito natural; os primeiros vivem à vontade numa sociedade que se divide em classes desiguais, os segundos sonham só com a igualdade. Sim, é certo que os filhos discutem de moto próprio com os pais, supõem que vão refazer um mundo que só esperava por eles para melhorar; mas remoinhos que agitam as sucessivas gerações não bastam para explicar uma mudança tão rápida e decisiva. A maioria dos franceses pensava como Bossuet; de repente, os franceses pensam como Voltaire: é uma revolução.

Para saber como ela se operou, embrenhámo-nos em terras mal conhecidas. Outrora, estudava-se muito o século XVII; hoje, estuda-se muito o século XVIII. Nos seus confins estende-se uma zona incerta, incomodativa, onde se pode contar ainda com descobertas e aventuras. Percorremo-la, escolhendo para a delimitar duas datas não rigorosas: de um lado, as cercanias de 1680, e do outro, 1715.

Deparámos aí com Espinosa, cuja influência começava então a fazer-se sentir; com Malebranche, Fontenelle, Locke, Leibniz, Bossuet, Fénelon, Bayle, para citar apenas os maiores, e sem falar da sombra de Descartes que ainda a habitara. Estes heróis do espírito, cada qual consoante o seu carácter e génio, estavam ocupados a retomar, como se fossem novos, os problemas que solicitam eternamente o homem: o da existência e natureza de Deus, o do ser e das aparências, o do bem e do

mal, o da liberdade e fatalidade, o dos direitos do soberano, o da formação do estado social — todos os problemas vitais. Em que se deve crer? Como se deve agir? E surgia sempre esta pergunta, que se julgava já definitivamente regulada: *quid est Veritas?* Aparentemente, prolongava-se o Grande Século com a sua soberana majestade, e aos que se davam a pensar e a escrever bastava reproduzir as obras-primas há pouco nascidas em profusão. Era quem mais compunha tragédias como Racine, comédias como Molière, fábulas como La Fontaine; os críticos questionavam sobre a moralidade do poema épico ou sobre o emprego do maravilhoso cristão, e nunca mais deixavam de exaltar a regra das três unidades, triunfo da arte. Mas no *Tractatus Theologico-Politicus* e na *Ética*, no *Ensaio a respeito do Entendimento Humano*, na *História das Variações das Igrejas Protestantes*, no *Dicionário Histórico e Crítico*, na *Resposta às Perguntas de um Provincial*, travava-se um debate ao pé do qual estas preocupações mesquinhas pareciam não passar de jogos de velhos jarretas ou de crianças. Tratava-se de saber se se devia crer ou não; se se devia obedecer à tradição, ou revoltar contra ela; se a humanidade continuaria o seu caminho fiando-se nos mesmos guias, ou se alguns chefes novos a fariam rodar para a conduzir a novas terras da promessa. Os *racionais* e os *religionários*, como diz Pierre Bayle, disputavam entre si as almas e defrontavam-se num combate que tinha por testemunha toda a Europa pensante.

Os assaltantes, pouco a pouco, levavam a melhor. A heresia já se não isolava nem escondia; ganhava discípulos, tornava-se insolente e presunçosa. A negação já se não mascarava; exhibia-se. A razão já não era uma sabedoria equilibrada, mas uma audácia crítica. As noções mais comumente aceites, a do consenso universal que demonstrava Deus, a dos milagres, eram postas em dúvida. Relegava-se o divino para céus desconhecidos e impenetráveis; o homem, e só o homem, ficava sendo a medida de todas as coisas; era, para si próprio, a sua razão de ser e o seu fim. Os pastores dos povos tinham já segurado nas mãos o poder, durante tempo que bastasse; tinham prometido fazer reinar sobre a terra a bondade, a justiça, o amor fraternal, e não haviam cumprido a promessa; na grande

partida em que se entrava com a verdade e a felicidade, eles tinham perdido, e portanto restava-lhes irem-se embora. Era preciso, pensava-se, destruir o edifício antigo, que tinha abrigado mal a família humana; e a primeira faina tinha de ser de demolição. A segunda seria a de reconstruir e preparar os alicerces da cidade futura. Não menos imperiosamente, e para não cair num cepticismo precursor da morte, era preciso constituir uma filosofia que renunciasse aos sonhos metafísicos, sempre enganosos, para estudar as aparências que as nossas fracas mãos podem atingir e com que nos devemos contentar; era preciso edificar uma política sem direito divino, uma religião sem mistério, uma moral sem dogmas. Era preciso forçar a ciência a que deixasse de ser um simples jogo do espírito, para decididamente se tornar um poder capaz de dominar a Natureza; pela ciência, conquistar-se-ia uma felicidade inequívoca. Reconquistado assim o mundo, o homem organizá-lo-ia para o seu bem-estar, para sua glória e felicidade futura.

Nestes traços, reconhece-se sem custo o espírito do século XVIII. Quisemos precisamente mostrar que os seus caracteres essenciais se mostraram muito antes do que é costume julgar-se; que se encontra inteiramente formado na época em que Luís XIV estava ainda todo resplandecente; que estavam já expressas, cerca de 1680, quase todas as ideias que pareceram revolucionárias por volta de 1760, ou até em 1789. Operou-se, então, uma crise na consciência europeia; entre o Renascimento, de que directamente procede, e a Revolução Francesa, que prepara, não há outra mais importante na história das ideias. A uma civilização fundada sobre a ideia do dever: deveres para com Deus, deveres para com o Príncipe, os novos filósofos tentaram sobrepor uma civilização fundada sobre a ideia do direito: direitos da consciência individual, direitos da crítica, direitos da razão, direitos do homem e do cidadão.

Trinta e cinco anos da vida intelectual da Europa, que era impossível recortar no tempo sem ter em conta os anos que os seguiram, e, mais ainda, os que os precederam; audiências em que se obrigou a comparecer o próprio homem, para lhe perguntar de novo se nascera inocente ou culpado, se queria apostar pelo presente ou pela eternidade; ideias tão vivazes,

munidas de uma tal força agressiva ou defensiva, que este passado não deixou de agir, e que na nossa maneira de pôr os problemas religiosos, filosóficos, políticos, sociais, continuamos em parte estas querelas inapaziguadas; obras maciças e densas, escritas com uma prodigalidade singular, por pessoas que se importavam menos com a perfeição da forma do que com a eficácia e abundância dos argumentos; obras abstrusas; teológicas, filosóficas; relações numerosas, de país a país, passagens, contágios, influências, fenómenos que pareciam inexplicáveis no seu meio local e que era preciso incorporar na atmosfera europeia para poder compreender; orientações para descobrir, nesta paisagem montanhosa, linhas cimeiras, caminhos e atalhos; caracteres a desenhar, fisionomias a apreender nos seus traços familiares, na cólera e no sorriso: — tratava-se, sem sombra de dúvida, de uma empresa pesada. Não nos desculparemos por a ter tentado. Porque, sem ignorar o que resta por fazer e por refazer atrás de nós, e sabendo bem que se não conhece uma árvore senão pelo estudo minucioso das raízes e dos ramos, pensamos que é útil, por vezes, traçar vias provisórias nas florestas confusas¹.

Há períodos líricos. É bom, quando a gente os estuda, escutar as suas harmonias, aspirar os eflúvios sonoros, deixar-se conduzir pelas suas músicas subtis até ao inefável: a terra inteira não passa de um canto. Não assim o período que abordámos; ignora as cadências e os ritmos; fez contra-sensos sobre a própria natureza da poesia; não conheceu o poder dos encantos. Não que os valores imaginativos e sensíveis tenham desaparecido de repente, nem que os homens tenham por algum tempo deixado de se entregar aos seus jogos e paixões; notámos, pelo contrário, ao lado do trabalho da inteligência pura, a vida persistente das cores e das formas e as contradições do coração. Aqui o pietismo, ali o quietismo revelaram-nos as aspirações e os frémios de grandes almas inquietas que a razão não contentava e que procuravam um Deus de amor. Mas até

¹ Publicámos fragmentos diversos desta obra na *Revue des Deux Mondes*, 15 de Agosto, 1 e 15 de Setembro de 1932, na *Revue de Littérature Comparée*, Outubro-Dezembro de 1932 e na *Europa Centrale*, 21 de Outubro e 25 de Novembro de 1933. Só reaparecem aqui sob forma sensivelmente modificada.

PREFÁCIO

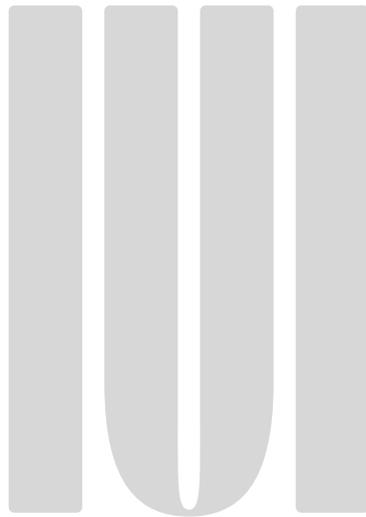
mesmo este misticismo contribuiu para a crise de consciência que caracteriza essencialmente a época. Denunciou a aliança da religião e do poder e, escapando, à direcção das igrejas ortodoxas, vendo na religião apenas impulso individual e espontaneidade primitiva, quebrando a ordem estabelecida, desempenhou por sua conta o papel de elemento inovador; e, analogamente, introduziu-se então na sociedade um fermento de anarquia quando se opôs a virtude primitiva do selvagem aos erros e crimes da civilização.

Estes anos rudes e densos, todos cheios de polémicas e de alarmes, e prenhes de pensamento, não deixam de ter a sua beleza própria. Seguindo estes movimentos vastos, vendo as massas de ideias desagregarem-se para depois se reformarem de acordo com outras modas e outras leis, considerando os nossos irmãos humanos a procurar corajosamente o caminho para destinos desconhecidos, sem nunca se deixarem desencorajar nem abater, sente-se não sei que emoção retrospectiva. Há grandeza na sua obstinação, no seu encarniçamento; e se o que caracteriza a Europa, como mostraremos, é o nunca se contentar, recomeçar sempre a sua busca da verdade e da felicidade, há neste esforço uma beleza dolorosa. Mais ainda: estudando o nascimento das ideias, ou pelo menos as suas metamorfoses, e seguindo-as ao longo da sua marcha, nos débeis começos, na maneira como elas se afirmam e se tornam atrevidas, no seu progresso, nas vitórias sucessivas e no triunfo final, chega-se à convicção profunda de que são as forças intelectuais e morais, não as forças materiais, que dirigem e comandam a vida².

² Desconhecemos o sentido exacto destas palavras: mas decerto não negam a relatividade histórica dos ideais humanos, porque o livro é uma brilhante demonstração da historicidade dos valores, abstraídos só por hipótese metodológica do condicionamento material. (N. do T.)

Primeira parte

AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES
PSICOLÓGICAS



CAPÍTULO I

Da estabilidade ao movimento

AGUENTAR; EVITAR QUALQUER transformação que possa destruir um equilíbrio miraculoso: eis a aspiração da idade clássica. São perigosas as curiosidades que solicitam uma alma inquieta; perigosas e loucas, visto que o viajante que corre até ao fim do mundo não encontra nunca senão o que traz consigo: a sua condição humana. E mesmo que encontrasse outra coisa, a verdade é que teria despedaçado a alma. Que a concentre, pelo contrário, para a aplicar aos problemas eternos que ninguém resolve quando se dissipa. Disse-o Séneca: o primeiro indício de um espírito bem regrado é poder parar e permanecer consigo próprio; e Pascal descobriu que toda a infelicidade do homem provém de uma só coisa, que é não saber permanecer em repouso, dentro de um recinto.

O espírito clássico, na sua força, ama a estabilidade: queria ser a própria estabilidade. Depois do Renascimento e da Reforma, grandes aventuras, chegou a época do recolhimento. Subtraíram-se a política, a religião, a sociedade, a arte, às discussões intermináveis, à crítica insatisfeita; o pobre navio humano encontrou o porto: oxalá pudesse aí permanecer muito tempo, ficar para sempre! A ordem reina na vida; para que tentar, fora do sistema fechado que se reconheceu como excelente, experiências que, de novo, tudo poriam em causa? Receia-se o espaço que contém as surpresas; e desejar-se-ia, se possível fosse, parar o tempo. Em Versalhes, o visitante tem a impressão de que as próprias águas não correm; são captadas, encanadas, projectadas de novo para o céu, como se se desejasse obrigá-las a servir eternamente.

Na segunda parte do *Dom Quixote*, capítulo XVI, Cervantes põe em cena um fidalgo de capa verde, que o Cavaleiro da Triste Figura encontra no caminho. Este fidalgo apressa-se em direcção à sua morada, onde encontrará a felicidade com a sabedoria. Tem o bem, sem excesso; passa a vida com a mulher, os filhos, os amigos; os seus divertimentos favoritos são a caça e a pesca, mas às equipagens, aos falcões, aos galgos, prefere uma garça domesticada, uma perdiz familiar; possui dez dúzias de volumes, que lhe bastam; janta algumas vezes em casa dos vizinhos e outras vezes convida-os para sua casa; as refeições dele são sem luxo nem sordidez. Ama uma liberdade razoável, a justiça e a concórdia; dá aos pobres, tendo o cuidado de não ceder à vaidade; trata de apaziguar os que se malquistaram; é devoto da Virgem e cheio de confiança na Infinita Misericórdia de Deus. É assim que ele se pinta a si próprio; e Sancho, todo comovido, saltando abaixo do burro, apodera-se do pé do fidalgo e beija-o. «Que fazeis, irmão?» — «Deixai-me beijar o vosso pé, diz-lhe Sancho, porque me pareceis o primeiro santo a cavalo que eu vi na minha vida».

Don Diego de Miranda, o homem da capa verde, não é um santo; encarrega-se apenas de prefigurar, em 1615, o ideal da sabedoria clássica. Não despreza o Cavaleiro Errante, e conserva mesmo na alma um certo gosto do heróico; mas nada de o seguir nos caminhos. Sabe que a existência não pode dar coisa mais feliz que uma harmonia de espírito, dos sentidos e do coração; e já que encontrou o segredo de bem viver, guarda-o; aplicá-lo-á até ao último dia da vida.

Mas tudo passa; o seu segredo já nada valerá para os que vierem depois; e quando os netos chegarem à idade madura, acharão muito antiquado o cavaleiro da capa verde. Desdenharão esta forma que ele tinha de se contentar; quebrarão as tréguas, felizes tréguas que permitiam a actividade na pacificação; e libertando as impaciências contidas tempo demais, ir-se-ão ao longe procurar as dúvidas. Sim, com o tempo veremos o gosto da viagem reforçar-se e espalhar-se; sim, exploradores há que saem da sua aldeia, da sua província, do seu país para saber como vivem e pensam os outros homens; compreenderemos por este primeiro sinal que se opera uma

transformação nos princípios que dirigiam a vida. «Se sois curioso, ide viajar...»³

Quando Boileau tomava as águas de Bourbon, pensava estar no fim do mundo; bastava-lhe Auteuil. Paris bastava a Racine; e ambos eles, Racine e Boileau, se sentiram incomodadíssimos quando tiveram de seguir o Rei nas suas expedições. Bossuet nunca foi a Roma; nem Fénelon. Molière nunca voltou a ver a loja do barbeiro de Pezenas. Os grandes clássicos são estáveis; os erradios serão Voltaire, Montesquieu, Rousseau; mas não se passou de uns a outros sem trabalho obscuro.

O caso é que, pelo fim do século XVII, começo do XVIII, o humor dos Italianos tornava-se novamente viageiro; e que os Franceses eram móveis como azougue: e, a crer um observador contemporâneo, gostavam tanto da novidade que faziam os possíveis por não conservar muito tempo um amigo; que inventavam todos os dias modas diferentes; e que, aborrecendo-se no seu país, partiam, quer para a Ásia, quer para África, a fim de mudarem de lugar e de se divertirem⁴. Os Alemães viajavam: era o seu costume, a sua mania; impossível retê-los na terra natal. «Nós viajamos, de pai para filho, sem que nenhum afazer no-lo impeça nunca», diz o alemão que Saint-Évremond põe em cena na sua divertida comédia cosmopolita *Sir Politick Would-be*; «mal aprendemos a língua latina, preparamo-nos para a viagem; a primeira coisa de que a gente se fornece é um *Itinerário*, que ensina os caminhos; a segunda é um livrinho que informa do que há de curioso em cada país. Quando os nossos viajantes são homens de letras, munem-se à partida de um livro branco, bem encadernado, que se chama *Album Amicorum*, e não deixam de ir visitar os sábios de todos os lugares por que passam e de lho apresentar, a fim de que lá ponham o seu nome...» Este alemão não se poupava a maçadas: tinha de escalar montanhas até ao coruto; seguir as ribeiras da nascente à embocadura, contando todas as passagens e pontes; estudar as ruínas dos anfiteatros e os restos dos

³ Troiti de la Chétardie, *Instructions pour un Jeune Seigneur, ou l'idée du galant homme*, Paris, 1683, p. 68.

⁴ Giovanni Paolo Marana, *Lettre d'un Sicilien à l'un de ses amis, contenant une agréable critique de Paris et des Français*, 1700 e 1710.

templos; ver, tomando notas, as igrejas, abadias, conventos, praças públicas, paços de municípios, aquedutos, cidadelas, arsenais; tirar epitáfios dos túmulos; não esquecer nem os campanários, nem os carrilhões, nem os relógios; e abandonava tudo para correr a outro sítio, se ouvisse falar da sagração do Rei de França ou da eleição do Imperador.

Os Ingleses viajavam: era o complemento da sua educação; os jovens senhores saídos há pouco de Oxford e de Cambridge, bem providos de guinéus e flanqueados por um sábio perceptor, galgavam o Estreito e empreendiam a grande volta. Havia-os de todas as espécies; alguns contentavam-se com conhecer o moscatel de Frontignan e de Montefiascone, os vinhos de Ay, de Arbois, de Bordéus, do Xerez, enquanto outros, conscienciosamente, estudavam todos os gabinetes de história natural, todas as colecções de antiguidades. Cada qual com o seu carácter: «Os Franceses viajam ordinariamente para poupar, de maneira que trazem algumas vezes mais prejuízo que proveito aos lugares onde se hospedam. Os Ingleses, pelo contrário, saem de Inglaterra com boas letras de câmbio, com uma bela equipagem e um grande séquito, e fazem despesas magníficas. Conta-se que, só na cidade de Roma, há geralmente mais de cinquenta nobres ingleses, e sempre com pessoal a suas expensas, e que ao todo gastam cada qual pelo menos dois mil escudos por ano; de maneira que só a cidade de Roma tira todos os anos da Inglaterra mais de trinta mil pistolas efectivas.» Da mesma maneira, em Paris, «onde não faltam nunca viajantes ingleses. Um mercador inglês dizia-me outro dia que tinha mandado descontar em França, a nobres ingleses, cento e trinta mil escudos no espaço de um ano; e este mercador não é, todavia, dos mais ricos banqueiros». É Gregorio Leti⁵ quem no-lo diz, aventureiro e migrador: Gregorio Leti, que teve pelo menos cinco pátrias, pois nasceu em Milão, fez-se calvinista em Génova, panegirista de Luís XIV em Paris, historiador da Inglaterra em Londres, panfletário ao serviço dos Estados na Holanda, onde morreu no ano de 1701. Sábios

5 Gregorio Leti, *Historia e Memorie sopra la vita di O. Cromwel*. Amesterdão, 1690. Trad. fr. 1694; reedição, 1703, p. 46.

enriqueciam a sua ciência de cidade em cidade, como António Conti, paduano, que esteve em 1713, em Paris, em 1715 em Londres, onde interveio na polémica do cálculo infinitesimal; dirigiu-se ao Hanôver para conferenciar com Leibniz, e, ao passar na Holanda, teve o cuidado de visitar Leuwenhoeck⁶. Filósofos viajavam, não com o fim de ir meditar em paz à lareira, mas para ver as curiosidades do mundo: tais Locke e Leibniz. Os reis viajavam: Cristina da Suécia morre em Roma em 1689; e o Czar Pedro parte para a Europa, em 1696.

Género literário de fronteiras indecisas, cómodo porque nele tudo se podia versar: dissertações eruditas, catálogos de museus ou histórias de amor, a *Viagem* triunfava. Podia ser uma relação pesadona, toda repleta de ciência; ou um estudo psicológico; um romance puro; ou então tudo ao mesmo tempo. Uns criticavam-na, outros elogiavam-na; mas elogios e críticas, tudo mostrava o lugar importante que tinha alcançado e como já se não podia dispensar. O mesmo gosto que a fazia prosperar, favorecia também a indústria dos itinerários e dos guias. Só faltava escolher: *Le Gentilhomme étranger voyageur em France*, *Il Burattino veridico, overo Istruzione generale per chi viaggia*, *Guia de los caminos para ir por todas las provincias de España, Francia, Itália y Alemania*. As cidades célebres têm direito a um tratamento particular, *La ville et la république de Venise*, *Description de la ville de Rome en faveur des étrangers*, *Guida de Forestieri curiosi di vedere ed intendere le cose le più notabili della regal città di Napoli*, *Description nouvelle de ce qu'il y a de plus remarquable dans la Ville de Paris*. Existe um título encantador que não se pode ler sem vontade de tomar a mala-posta, sem vislumbrar um horizonte cheio de promessas doces: as Delícias. *As Delícias da Itália*; *As Delícias e atractivos da Dinamarca e da Noruega*; *As Delícias da Grã-Bretanha e da Irlanda*; *O Estado as Delícias da Suíça*. E todas estas Delícias, reunidas, dão *As Maravilhas da Europa*.

Mas a *Galeria Agradável do Mundo* não será ainda mais sedutora?

⁶ António Leuwenhoeck (1632-1723), precursor da microscopia e da microbiologia. (N. do T.)

A Europa, com efeito, nunca mais acabava de trabalhar para descobrir e para explorar o mundo; o século XVII continuava a tarefa que o XVI lhe tinha legado. Desde 1619, um obscuro escritor, o P.^e Bergeron, desde 1636 Thommaso Campanella professavam isto: a exploração do globo, contraditando alguns dos dados sobre que repousava a filosofia antiga, deve provocar uma nova concepção das coisas⁷. Esta ideia, que a princípio caminhou lentamente, acelera-se à medida que os Holandeses, não apenas organizam o comércio das Índias Orientais, mas também descrevem as coisas estranhas que lá encontram; à medida que os Ingleses, não só fazem flutuar o seu pavilhão sobre todos os mares, mas também publicam a mais copiosa literatura de viagens que há no mundo; à medida que Colbert propõe à actividade dos Franceses as ricas colónias e as longínquas feitorias, e que chegam descrições, «feitas à ordem do Rei»! O Rei mal sabia que destas mesmas descrições nasceram ideias capazes de abalar as noções mais caras à sua crença e as mais necessárias à manutenção da sua autoridade.

Assim aumenta uma produção que vai até ao excesso: Narrações, Descrições, Relações, Compilações, Colecções, Bibliotecas, Miscelâneas Curiosas; pessoas que não arredam do lugar natal, que não conhecerão os grandes lagos da América nem os jardins do Malabar, nem os pagodes chineses, lerão ao borralho o que os outros contaram. Missionários das Missões estrangeiras, Capuchinhos, Franciscanos, Recolectos, Jesuítas, contam a conversão dos infieis; os cativos de Túnis, da Argélia ou do Marrocos contam como foram perseguidos pela sua fé; médicos ao serviço das Companhias contam as suas observações; marinheiros contam jactanciosamente o seu giro do mundo: Dampier, Gemelli Carreri, Wood Rogers. Sinal dos tempos, a partida aventureira daqueles protestantes refugiados que, a 10 de Julho de 1600, embarcaram em Amesterdão e deixaram uma Europa ingrata, para ir procurar no caminho

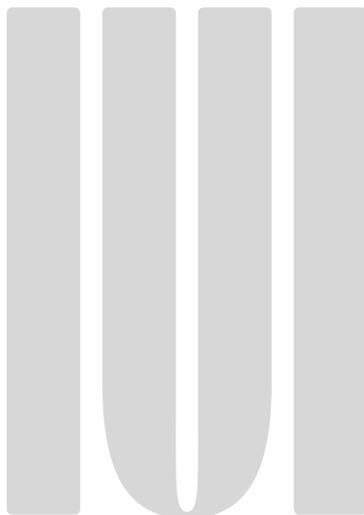
7 Ver, quanto ao efeito da viagem sobre as ideias, imediatamente antes da época em estudo, *Henri Busson, La pensée religieuse française de Charron à Pascal*, 1933, p. 284.

ÍNDICE DE CAPÍTULOS

PREFÁCIO	I
PRIMEIRA PARTE	
AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES PSICOLÓGICAS	
I. Da estabilidade ao movimento	9
II. Do antigo ao moderno	33
III. Do Sul ao Norte	55
IV. Heterodoxia	79
v. Pierre Bayle	97
SEGUNDA PARTE	
CONTRA AS CRENÇAS TRADICIONAIS	
I. Os racionais	115
II. A negação do milagre. Os cometas, os oráculos e os feiticeiros	149
III. Richard Simon e a exegese bíblica	173
IV. Bossuet e os seus combates	191
v. Leibniz e a falência da união das Igrejas	209
TERCEIRA PARTE	
TENTATIVA DE RECONSTRUÇÃO	
I. O empirismo de Locke	231
II. O deísmo e a religião natural	245
III. O direito natural	259
IV. A moral social	277
v. A felicidade na terra	285
VI. A ciência e o progresso	297
VII. Para um novo modelo de Humanidade	311
QUARTA PARTE	
OS VALORES IMAGINATIVOS E SENSÍVEIS	
I. Uma época sem poesia	327
II. O pitoresco da vida	349
III. O riso e as lágrimas. O triunfo da ópera	361

A CRISE DA CONSCIÊNCIA EUROPEIA: 1680-1715

iv. Os elementos nacionais, populares, instintivos	377
v. A psicologia da inquietação, a estética do sentimento, a metafísica da substância e a ciência nova	391
vi. Fervores	407
Conclusão	427
Bibliografia	439
Índice onomástico de autores	441
Índice remissivo geral	451
Índice de capítulos	461



Esta primeira edição da obra
A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715
é publicada pela Imprensa da Universidade
de Lisboa, no mês de Dezembro de 2018.

Na sua composição foram usados
tipos da família Sabon.

Foi impressa por Papelmunde
em papel Snowbright 75 ISO 90 g.

